

ANIMAIS QUADRADOS E O ABISMO

GUILHERME VAZ

Simuladores conceituais para uma nova visualidade. O olho orelha.

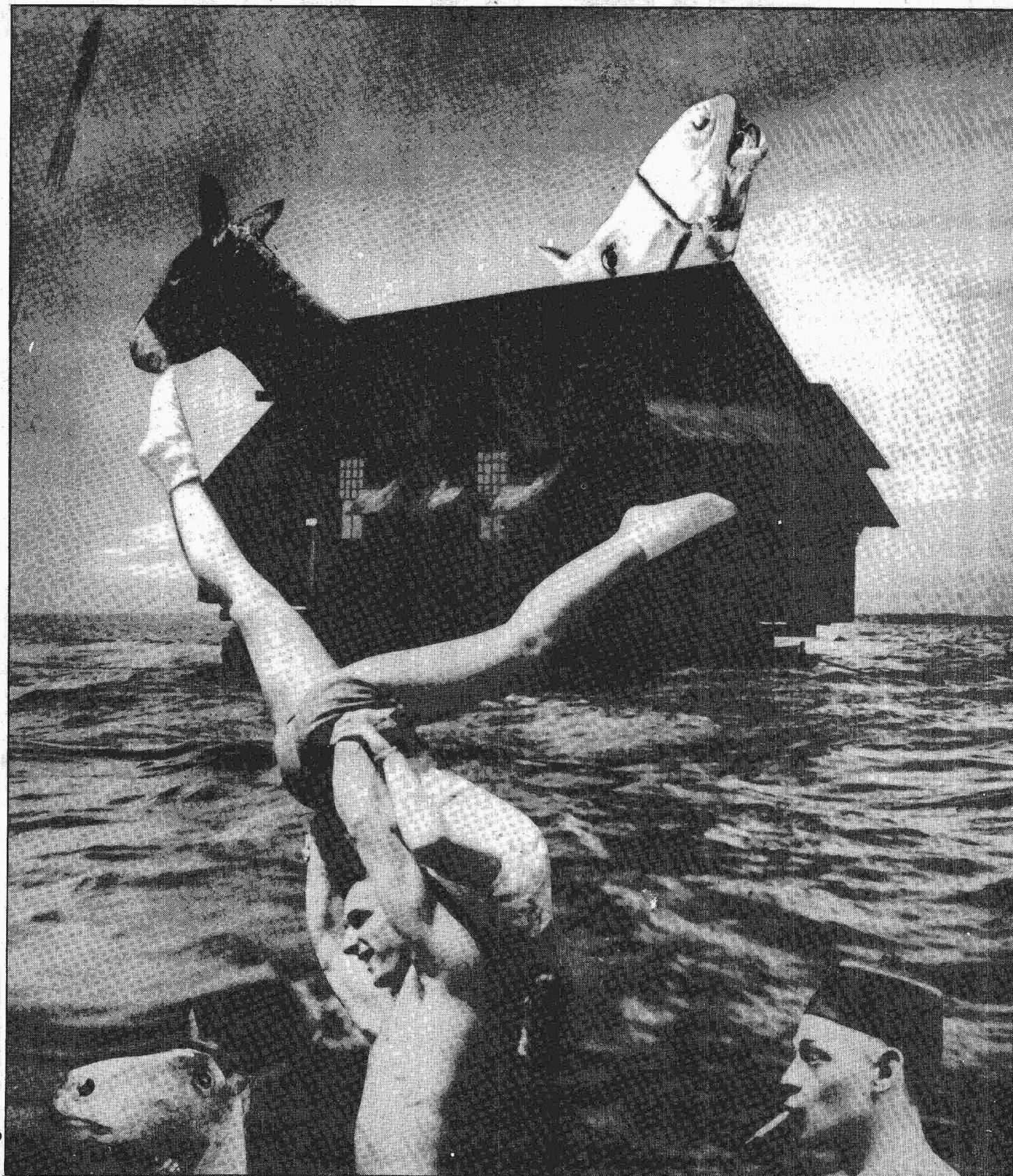
1 ■ Piet Mondrian é um pintor Renascentista. A clarividência desta afirmação é demencial. A modernidade é Renascentista.

2 ■ A Modernidade foi gestada na Renascença. A Robótica é Renascentista. Deus Ex Machina. O espaço cúbico e ateu. O Quantus. O Estado. O Socialismo. A Revolução é Materialista.

3 ■ O grande equívoco dos artistas epidérmicos e modernos é o de pintar sobre o pico escarpado de uma montanha pensando terem inventado a montanha. Quando as montanhas caem num terremoto o seu antropocentrismo termina. Noventa e nove por cento do homem é composto de história e o resto de pequenas intuições. E estas pequenas intuições são por sua vez constituídas de noventa e nove por cento de história e um por cento de vestígios de não história. A história é a placenta da arte. Mas o artista moderno e renascentista julga ter poder para estar acima dela ou usá-la como animal de carga. Movimentos tectônicos vão pegá-lo de surpresa. O sonho de ser o Adão pintado no teto da Capela Sistina é ridículo. Logo em seguida o artista olha para o mural e diz: "A crise é do mural". Quando ele está apontando para a crise de si mesmo e do mundo que ele julgava ter inventado. A queda do Muro de Berlim é também a queda da Renascença.

4 ■ O fim da modernidade fará muito mal à Europa e muito bem à América, mas fará melhor ainda à Ásia. De alguma forma a América está para a Ásia assim como a Europa está para a América. Os artistas asiáticos serão os grandes artistas do futuro. A Ásia é a única parte do mundo que permaneceu medieval enquanto todo o mundo se tornava Renascentista. Por isso, com a crise da Modernidade, todo o mundo cai e a Ásia se levanta. Paul Gauguin pressentiu isso no Séc. XIX numa extraordinária eclosão da intuição. Ele é o arcano dos pintores do Pacífico — do Mundo Ascensional. De uma arte leve e espiritual. Gauguin previu que os perfumes do Pacífico seriam maiores que os da coca-cola da Modernidade. Que a terceira coisa é tropical. Tropical e luminosa. Areias.

5 ■ Quando a Renascença deixou de acreditar em Deus ela passou a acreditar no homem. E é evidente que ela afirmou este conceito como um ato de inteligência. Algumas pessoas têm dúvidas sobre esta inteligência. E o homem para a Renascença é apenas uma máquina de ossos e carne que se move por disposições mecânicas. É este o homem que a Renascença colocou no centro da questão — por mais que se discorde deste conceito de homem. Por isso a Renascença é a mãe dos computadores, de Isaac Newton e da máquina luminosa no local da divindade (o sélfico). A questão central renascentista é a ciência e não a arte. Por mais que tenham tentado nos conven-



Colagem de Athos Bulcão

cer do contrário. E por outro lado é ali que nasce a Poesia Concreta e a Tentativa de cientificação da arte em todos os sentidos. O racionalismo tenta um golpe absoluto, o ego invade tudo, a deusa razão foi entronizada dentro das catedrais da Revolução Francesa. Esta cena é a cena capital da modernidade.

6 ■ Tonehagen. A crise da modernidade é também a crise das grandes cidades. Definitivamente. Elas não sobreviverão à crise da Modernidade. A descentralização não-moderna do mundo não permitirá a subsistência do monumento capital do centrismo racionalista autoritário e sintético: a

grande cidade. O mundo descentralizado é o mundo não-renascentista. A Poesia Concreta também terminará — junto com a elegância de suas avenidas. A arte não se referenciará mais ao urbano como teleomania. O homem não mais estará no centro da arte mas será um detalhe na imensidão — a onipotência terminará. A pintura simultaneísta como a de Bosch e Bruegel será muito mais comum que a pintura antropocentrada da Renascença. Não havendo mais questão central o entorno estará na frente e não mais ao fundo da questão. A totalidade passará a ser sujeito e não simulacro. Presenciaremos o nascimento de uma arte anônima. Como nas cavernas. O mi-

to do artista-herói será duramente questionado. O anonimato voltará com toda força. As ruínas da modernidade se multiplicarão por todo o mundo.

7 ■ Picasso gostaria de ter nascido agora. Fim do espaço cubista e materialista. A arte começa agora. Não há crise nenhuma. A crise é daquilo que não devia ter havido. A era da arte começa agora assim como a da natureza e das pedras no espaço. Toda arte deverá ser divina e toda inspiração deverá vir do nada.

■ Guilherme Vaz é músico e integrou o movimento de arte conceitual no Brasil nos anos 70.